



ANAIS do 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Barreiras-BA, 11-14 de julho de 2013

ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/32cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

TRAVASSOS, L.E.P.. Ibn Battuta e os subterrâneos sagrados do Islã. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. *Anais...* Campinas: SBE, 2013. p.207-213. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe_207-213.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

A publicação dos Anais do 32º CBE contou com o apoio da Cooperação Técnica SBE-VC-RBMA. Acompanhe outras ações da Cooperação em www.cavernas.org.br/cooperacaotecnica

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia. Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



IBN BATTUTA E OS SUBTERRÂNEOS SAGRADOS DO ISLÃ

IBN BATTUTA AND THE SACRED UNDERGROUND OF ISLAM

Luiz Eduardo Panisset Travassos

(1) Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas/Associado SBE 1153.

Contatos: luizepanisset@gmail.com.

Resumo

O presente trabalho tem a intenção de contribuir para os estudos históricos do carste, bem como divulgar a importante contribuição medieval muçulmana para a geografia. Assim sendo, o autor se baseou na obra de Ibn Battuta, importante geógrafo muçulmano do século XIV que saiu de Tânger (Marrocos) em peregrinação à Meca, na Arábia Saudita. Ao analisar os quatro volumes das "Viagens de Ibn Battuta" traduzidos do árabe para o francês e um volume das viagens "Através do Islã" traduzido do árabe para o espanhol, foi possível notar que muitos dos caminhos trilhados pelo viajante desenvolvem-se sobre o carste. Além disso, na obra, foram realizados importantes registros sobre cavernas consideradas sagradas para o Islã, bem como para outras religiões.

Palavras-Chave: Ibn Battuta, Subterrâneos Sagrados, Geografia Medieval Muçulmana.

Abstract

This work is intended to contribute to the historical studies of karst, as well as to publicized the important contribution of the medieval Muslim geography, yet little known. Therefore, the author based on the work of Ibn Battuta, famous Muslim geographer from the 14th century who left Tangier (Morocco) in pilgrimage to Mecca, Saudi Arabia. Analyzing the four volumes of the "Voyages d'Ibn Batoutah" translated from Arabic to French and one volume of the "A través del Islam" translated from Arabic to Spanish, it was possible to notice that many places visited by Battuta are composed by karst terrains. In Battuta's work, important records were made about caves considered sacred to Islam and other religions.

Key-words: Ibn Battuta, Sacred Underground, Medieval Muslim Geography.

1. INTRODUÇÃO

A literatura nos mostra ser comum que muitos autores falem sobre o período da Idade Média como um tempo de "escuridão" tanto para a geografia quanto para a ciência como um todo, especialmente na Europa. Entretanto, destaca-se que as contribuições da geografia do mundo árabe e muçulmano são fatos bem menos divulgados.

Holt-Jensen (2009) afirma que os antigos ensinamentos foram muito bem preservados em escolas árabes na Espanha, no Norte da África e no Oriente Médio. Os mercadores árabes e muçulmanos viajaram bastante pelo mundo e foram os principais responsáveis por reunir inúmeras informações que acabaram por ser utilizadas pela Academia.

Neste contexto destacam-se os nomes dos geógrafos muçulmanos Al-Muqaddasi (945-988), Al-Idrisi (1099-1180), Ibn Battuta (1304-1368) e Ibn Khaldun (1331-1406). Foram, portanto, alguns dos responsáveis pelo surgimento de uma geografia descritiva regional rica em detalhes. Scholten (1980)

citado por Holt-Jensen (2009) afirma que Al-Muqaddasi, por exemplo, teria sido o primeiro na adoção do trabalho de campo, uma vez que seus predecessores estavam acostumados a basear seus relatos e trabalhos somente em dados secundários. Entretanto, Ahmad (1995) destaca que a geografia árabe-muçulmana teria se fortalecido com Al-Ma'mum (813-833) que estabeleceu a primeira escola acadêmica de geografia denominada "A Casa da Sabedoria" (*Bayt al-Hikama*).

Após o início desta "nova Era" na Geografia do Mundo Islâmico, os sucessores de Al-Muqaddasi e Al-Ma'mum empreenderam expedições importantíssimas no melhor estilo dos conhecidos estudos regionais dos clássicos Gregos e, bem depois, das Escolas Alemã e Francesa de Geografia. Ahmad (1995) destaca Ibn Khurdadbih como o primeiro a escrever sobre geografia regional sendo, por isso, considerado o "pai da geografia árabe-muçulmana". Seu trabalho "O livro das estradas e dos reinos" (*Kitab al-Masalik wa al-Mamalik*) é considerado um clássico.

Destes geógrafos muçulmanos, destaca-se o nome de Ibn Battuta, principalmente pelos relatos de suas viagens que foram realizadas inicialmente com o objetivo de retratar sua peregrinação à Meca. De acordo com Waines (2010) a obra de Battuta teria sido relatada a Muhammad Ibn Juzayy por volta do ano 1356. Considera-se que o trabalho é uma obra-prima descritiva regional que foi além das fronteiras do mundo islâmico.

Ainda pouco estudada no Brasil, com exceção do trabalho de Bissio (2010) focado na História, a obra de Battuta merece destaque em meio à Geografia, em especial, à Geografia Cultural e à Geografia da Religião. Tal fato decorre, principalmente, da motivação que levou o geógrafo muçulmano a iniciar sua jornada: a *hajj* em direção à Meca. Para Bissio (2010) a viagem era uma expressão religiosa e, ao mesmo tempo, uma forma de construção do saber.

É possível afirmar que muito pouco foi registrado até hoje sobre suas contribuições na identificação de espaços sagrados subterrâneos, sejam eles cavernas naturais ou artificiais. Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo demonstrar de que forma Ibn Battuta destaca o uso de tais espaços em algumas culturas.

Em relação ao uso humano das cavernas naturais e artificiais, as referências encontradas no texto de Battuta vão desde os conhecidos sítios sagrados cristãos a outros menos conhecidos do Islã e de outras religiões. Ao longo de seu trabalho são realizados importantes registros do uso de elementos da paisagem cárstica como as cavernas e as fontes de água.

Neste artigo optou-se por destacar as feições retratadas em sua primeira grande viagem ocorrida entre 1325 e 1332, dando destaque às feições mais significativas tanto para o Islã quanto para outras religiões na Terra Santa e seu entorno, bem como a Península Arábica.

2. METODOLOGIA

Para a execução do trabalho foram analisados os quatro volumes da edição francesa "*Voyages d'Ibn Batoutah*" traduzida do árabe para o francês, bem como o volume único da obra "*A través del Islam*" traduzida do árabe para o espanhol. Por se tratar de volume único, optou-se por utilizar a publicação em espanhol nas citações apresentadas neste artigo. Também foram analisadas passagens do Corão, o livro sagrado do Islã (Fig.1) em que as cavernas apresentavam algum tipo de simbolismo.

Durante a análise dos textos, também foram consultados mapas geológicos dos países e regiões visitadas a fim de se considerar, também, a litologia regional na identificação do carste nas obras.



Figura 1 – Detalhe das capas das obras consultadas e que se encontram mencionadas nas referências. À esquerda a capa do primeiro volume da edição francesa, no meio a capa do volume único em espanhol e à direita, a capa do livro sagrado do Islã em edição traduzida para o português.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Após a leitura das obras percebe-se a existência de duas grandes partes principais: a primeira, com a saída de Tânger em direção à Meca e a segunda parte, reunindo as narrativas das viagens pelo Oriente Médio e Ásia.

Para Gaarder *et al.* (2005, p.18) desde os seus primórdios o homem passou a perceber a natureza e suas formas como animadas. Teve início um período da evolução onde o ser humano iniciou a crença de que animais, rios, montanhas, árvores e cavernas, por exemplo, continham espíritos. Em relação a esse tipo de uso do subterrâneo pelos muçulmanos, Andreychouk *et al.* (2010) afirmam que para muitos de seus praticantes, a adoração de uma paisagem específica parece ser inaceitável.

Embora a adoração de uma feição natural não seja parte integrante e amplamente aceita do Islã, é possível encontrar na literatura alguns exemplos de cavernas que são percebidas por alguns grupos de muçulmanos como sendo espaços sagrados. A mais conhecida de todas é a caverna de Hira, considerada sagrada, pois foi o local onde o Profeta Maomé teria recebido revelações divinas (Figura 2).

Mesmo sem um estudo aprofundado do Corão é possível identificar mais uma caverna sagrada que fez parte da história do fundador do Islã. A caverna de Savr, também em Meca, teria sido o lugar onde Maomé e seu amigo Abu Bakr teriam se escondido de inimigos por três dias. O registro foi feito na 9ª Surata, versículo 40: "(...) Estavam ele e seu

companheiro na gruta, e ele disse ao companheiro: Não te aflijas, Deus está conosco (...).”



Figura 2 – Peregrinos muçulmanos reunidos na entrada da Caverna de Hira, Monte Hira, Meca (Fotografia de NACIZANE, 2008).

É importante destacar, ainda, que a 18ª Surata do Corão recebe o nome de *A Caverna*. Repleto de simbolismo, o presente capítulo retrata a *caverna* como um lugar de proteção onde um grupo de jovens teria se refugiado em uma caverna, dizendo: “Ó Senhor nosso, concede-nos Tua misericórdia, e reserva-nos um bom êxito em nossa empresa!” (Corão 18:10). No mesmo capítulo, os jovens teriam “adormecido na caverna durante anos” (Corão 18:11) e “Eis que permaneceram na caverna trezentos e nove anos” (Corão 18:25).

Para o estudo dos espaços subterrâneos sagrados é interessante lembrar a lenda da caverna dos Sete Adormecidos (*Cave of the Seven Sleepers*) na crença cristã. Localizada em Éfeso, Turquia, teria sido o local que, de acordo com a lenda, os jovens teriam buscado abrigo durante as perseguições no período de Decius (250 d.C.). Na caverna teriam caído no sono e, milagrosamente, acordado no ano de 435 já no tempo de Theodosius II. O lugar foi identificado por Reclus (1876-1894) em sua *Geografia Universal* como o lugar onde os jovens “dormiram com seu fiel cachorro por duzentos anos” (TRAVASSOS, 2010, p. 94).

Todavia, com exceção destas cavernas sagradas do Islã, muitas outras não se localizam no norte da África ou Oriente Médio. São cultuadas por determinados grupos sociais em países onde a religião muçulmana não é predominante e o deslocamento ao local de adoração se caracteriza como uma peregrinação cheia de sacrifícios e perigos.

Andreychouk *et al.* (2010) lembram que muitos destes espaços subterrâneos sagrados localizam-se em regiões onde o Islã não existia. São, portanto, anteriores a essa religião e com o passar dos anos e com o crescimento da religião muçulmana, passaram a ser assimilados por grupos locais. Por isso são conhecidos, principalmente, pela tradição oral. Existem exemplos no Tajaquistão (caverna Chodza Ischak), na Crimeia (caverna dos Quarenta Santos/Kyrk-Aziz) e na Indonésia (caverna Cerme), entre muitas outras espalhadas pelo mundo. Destacam-se, também, as cavernas sagradas na Bósnia e Herzegovina, conforme registros de Mulaomerović (2011).

Assim como seus predecessores e viajantes de seu tempo, ao empreender uma viagem de tal magnitude, Battuta aceitava os riscos como parte do sacrifício de se adquirir novos conhecimentos. Ao longo de sua jornada a paisagem cárstica se fez presente e alguns registros foram feitos. Embora não possamos considerar como registros “carstológicos” desta ciência, merecem destaque os registros da relação percebida entre o homem e esse tipo de paisagem.

No início de sua primeira viagem é possível afirmar que muitos dos locais pelos quais Ibn Battuta passou quando de sua viagem à Meca são conhecidas regiões carbonáticas do norte do continente Africano. Nos primeiros 10 meses de viagem foram visitadas regiões do Marrocos, da Argélia, da Tunísia, da Líbia e do Egito. Embora somente poucas páginas tenham sido dedicadas a estes primeiros quatro países, destaca-se que todos apresentam um carste representativo. Tal fato foi verificado em mapas geológicos (Geological Survey, 1972; Egyptian Geological Survey, 1981), imagens de satélite e presença em campo nos anos de 2008 e 2011 pelo autor deste artigo.

Destes países, talvez o planalto cárstico regional mais famoso seja o Planalto de Gizé, onde se localizam as conhecidas Pirâmides faraônicas. Sobre tais construções, Battuta (1356/1993, p.138) afirma que foram “construídas por pedras sólidas lavradas, de altura colossal, circulares, largas na base, estreitas no cume. Parecidas a cones, sem portas, não se sabe como foram edificadas (...)” e foram construídas com o objetivo de serem locais para o “enterro dos cadáveres reais” (BATTUTA, 1356/1993, p.138).

Do Cairo, Battuta cruza o Sinai em direção à Terra Santa e depois rumo à Síria, onde os registros referentes aos subterrâneos sagrados são mais frequentes e, por isso, foram destacados aqui. Em

diversos pontos de sua obra o geógrafo faz referência a cavernas, tumbas, sepulcros e alguns templos percebidos como espaços sagrados. Em Gaza, destaca a importância dos recursos minerais para a construção dos templos. Em Hebron, identifica a existência de um templo construído sob o domínio de “Salomão que ordenou (...) sua construção. Em seu interior está a santa e venerável gruta que abriga as tumbas de Abraão, Isaac, Jacó (...) e suas esposas (...). Em seu interior existe uma passagem até a bendita caverna (...)” (BATTUTA, 1356/1993, p.150-151), lugar onde o geógrafo árabe afirma ter ido em várias ocasiões.

A Tumba ou Caverna dos Patriarcas, como o sítio é conhecido atualmente, é um complexo arquitetônico construído ao redor da caverna de *Machpelah*. É considerado o segundo sítio mais sagrado do Judaísmo. Também possui alto valor sagrado para Muçulmanos e Cristãos que também reverenciam Abraão como o verdadeiro profeta de Deus. Steward (2005) lembra que a caverna é considerada, pelas tradições religiosas, como sendo uma passagem para o Jardim do Éden.

Na região, Battuta também teria visitado “a gruta onde se encontra o sepulcro de Fátima filha de Husayn, filho de Ali” (BATTUTA, 1356/1993, p.152), portanto, bisneta de Maomé segundo nota de Fanjul e Arbós (1993). Aqui não se deve confundir com Fátima, filha de Maomé.

De Hebron, Battuta (1356/1993) segue à Jerusalém e visita o mausoléu de Jonas. Em Belém, destaca o local do nascimento de Jesus onde “existe uma grande construção” venerada pelos cristãos que “oferecem hospitalidade a quem chegue.” Trata-se da Igreja da Natividade, considerada um dos mais importantes sítios sagrados do Cristianismo. Representa o local tradicional do nascimento de Cristo de acordo com as narrativas presentes em Mateus e Lucas. Para Travassos (2010), mesmo que em nenhum momento seja mencionado o termo *caverna* no texto bíblico é razoável afirmar que o local era mesmo uma caverna visto que na região tais feições são comuns e eram utilizadas como estábulos.

No Vale de Yahannam [Jahannam, Hannam], Battuta afirma que “no fundo do vale mencionado existe uma igreja que os cristãos apreciam muito, afirmando ser a tumba de Maria e outra muito louvada para onde peregrinam e sobre a qual pensam ser o sepulcro de Jesus.” (BATTUTA, 1356/1993, p.154). Travassos (2010) lembra que o sítio é conhecido como a Igreja do Santo Sepulcro, também chamada pelos Ortodoxos do Leste como a

Igreja da Ressurreição. O lugar é considerado um importante centro de peregrinação desde o século IV e se mantém como um dos mais sagrados sítios cristãos no mundo.

Saindo de Jerusalém, Battuta segue em direção ao norte da Síria e depois ruma ao sul em direção à Meca. Destaca-se aqui que à época, o atual Líbano fazia parte da Síria, razão pela qual o geógrafo não fez distinção alguma em sua narrativa. Após algumas páginas sem referências muito explícitas sobre o carste ou suas feições, o geógrafo destaca o Monte Aqraa e o Monte Líbano: “fui em direção ao monte Aqra^c, o mais alto da Síria e o primeiro que surge desde o mar. É habitado por turcomanos e possui fontes de água e riachos. Deste local viajei ao Monte Líbano, um dos mais férteis do mundo (...); existem fontes de água (...) e não faltam por lá eremitas, acetas e homens devotos entregues ao serviço de Deus (...)” (BATTUTA, 1356/1993, p.177). Destaca-se que o mapa geológico simplificado do Líbano (WALLEY, 2011) identifica a maior parte do território como sendo carbonático. O monte Líbano, especificamente, é composto por calcários Cretáceos e Jurássicos.

Hoje são conhecidos na Síria os Mosteiros de *Maaloula*, localizados a cerca de 50 km de Damasco, em direção ao Líbano. Embora não especificamente registrados na obra de Battuta é razoável dizer que tais santuários já existiam na região. Na parte destinada à Síria não são poucos os registros de Battuta em relação a templos, tumbas e santuários. Tais mosteiros encontram-se ao norte de Damasco e o geógrafo menciona uma gruta sagrada no Monte Qasiyun [Qasioun], também ao norte. É percebido como um lugar sagrado, “pois é o sítio de onde os profetas ascenderam ao Céu. Entre os lugares de peregrinação encontra-se a gruta onde nasceu Abraão, o servo de Deus. É uma caverna alongada e estreita onde existe uma grande mesquita (...). Desta caverna Abraão viu a estrela, a lua e o sol, segundo o Livro Santo [Corão].” (BATTUTA, 1356/1993, p.194).

Outro lugar de peregrinação a oeste do Monte Qasioun é “a Cova do Sangue, sobre a qual, na montanha, é possível ver o sangue de Abel, filho de Adão (...) por acreditarem ser o local onde Caim teria matado seu irmão. Se asseguram de que nela rezaram Abraão, Moisés, Jesus, Jó e Ló. Também em suas proximidades existe uma mesquita, de construção perfeita, a qual se pode subir por uma escada (...)” (BATTUTA, 1356/1993, p.195). Ainda no Monte se visita a “Caverna de Adão (...) e mais abaixo, a gruta da Fome, em memória aos setenta profetas que nela se refugiaram e somente

dispunham de um pãozinho” (BATTUTA, 1356/1993, p.195) para saciarem sua fome. A caverna onde Jesus e sua Mãe teriam se refugiado também é venerada no Qasioun. “O bendito refúgio é uma pequena caverna na metade do sopé do monte, como uma pequena moradia onde em sua frente existe outra que foi o oratório de Elias. As pessoas se apressam para vir rezar aqui. O refúgio possui uma portinhola de ferro e está rodeado pela mesquita (...) onde se acumula a água que cai do alto (...).” (BATTUTA, 1356/1993, p.195).

Battuta registra que o Monte é responsável, também, pelo abastecimento de água da cidade de Damasco, “pois aí estão os mananciais [fontes] (...). As águas se dividem em sete rios, cada um com uma direção diferente (...). O maior deles é o Turah que desce colina abaixo, tendo escavado seu leito na rocha dura na forma de um grande túnel.” O rio, subterrâneo em alguma parte de seu curso, é utilizado por “nadadores corajosos que se jogam na água no alto da colina e são arrastados pela corrente até percorrer seu leito subterrâneo no pé do monte (...).” (BATTUTA, 1356/1993, p.196).

Partindo de Damasco Battuta segue em direção à Meca, ao Sul, passando primeiro pelas terras que hoje fazem parte da Jordânia, chegando a Medina (na Arábia Saudita) onde destaca diversas tumbas e sepulcros sagrados. Nas páginas dedicadas a essa cidade (BATTUTA, 1356/1993, p.207-222), relaciona “alguns egrégios santuários extramuros da nobre Medina.” Destaca o Monte Uhud como outro

“venerável santuário (...) localizado ao norte da egrégia Medina (...)” Destaca-se que de Medina à Meca, Battuta teria passado pelos terrenos Pré-Cambrianos e Terciários onde se localiza o Monte Hira.

Muitas páginas são destinadas à descrição da cidade sagrada dos muçulmanos “rodeada de montanhas” e seus inúmeros sítios sagrados. Para o presente trabalho destaca-se o “bendito poço de Zamzam” (BATTUTA, 1356/1993, p.223; 230-231), uma fonte de água que teria sido criada por Deus para saciar a sede de Abraão e seu filho Ismael. A importância desse recurso é confirmada pela existência de um centro de pesquisas, o *Zamzam Well Research Center*, subordinado ao Instituto de Pesquisas Geológicas Saudita. De acordo com este centro, a água tem sido usada por pelo menos 4.000 anos (Fig.3).

Battuta descreve outros santuários fora dos limites da cidade, bem como dedica uma seção às “montanhas que rodeiam Meca” (BATTUTA, 1356/1993, p.237). A mais importante é Hira e sua gruta sagrada. “O povo frequenta esta venerável gruta com a intenção de entrar pelo mesmo sítio que o Profeta (...). Existem aqueles que rezam em frente à gruta sem entrá-la. Os locais dizem que aqueles que nasceram de cópula legítima podem entrar; aqueles que são produto de adultério não conseguem. Dessa forma, são muitos os que tentam entrar por vergonha ou medo do escândalo.” (BATTUTA, 1356/1993, p.238).



Figura 3 – O poço de Zamzam foi manualmente escavado e possui cerca de 30,5 metros de profundidade com diâmetro que varia entre 1,08 a 2,66 metros (Saudi Geological Survey, 2010).

Partindo de Meca em direção a leste, o geógrafo passa pelas terras do Iraque e do Irã. O primeiro possui feições cársticas limitadas no

noroeste (Planície de Sulevani) especialmente por ser um prolongamento dos carbonatos Miocenos da planície cárstica da Síria. Em sua parte central, nas

terras baixas da Mesopotâmia, nenhum tipo de carste carbonático é identificado e somente uma pequena faixa carbonática é vista sendo oriunda dos calcários da faixa de Zagros, no Iran. Waltham (2004) destaca a região de Mosul como local onde rios correm por sumidouros e fontes cársticas surgem. Na obra de Battuta são feitos registros de tumbas escavadas na rocha e a existência de fontes de água. Sepulcros sagrados teriam sido construídos para “(...) Adão, Noé e °Alī (...)” (BATTUTA, 1356/1993, p.266-267), entre outros.

4. CONCLUSÕES

Observa-se que a geografia praticada pelos árabes muçulmanos levava em consideração a adaptação dos povos ao terreno, a importância dos recursos naturais (em especial da água) para a sobrevivência em regiões desérticas, o ambiente construído e a conquista de territórios. Além disso, acredita-se que o fato dos muçulmanos terem de realizar sua peregrinação à Meca pelo menos uma

vez em sua vida faz da viagem uma espécie de exploração geográfica para além daquela cidade sagrada que, juntamente com as trocas comerciais, ampliaram o horizonte geográfico do Islã.

Embora não existam passagens específicas sobre o carste é possível identificar na obra de Battuta a descrição de fenômenos que ocorrem mais comumente neste tipo de paisagem como, por exemplo, as cavernas e fontes de água subterrânea. Isso ocorre, provavelmente, pelo fato da viagem inicial ter sido motivada somente pela religião. As descrições dos lugares são feitas, em sua maioria, quando eram considerados sagrados pelo Islã. Aprofundamentos teóricos sobre a geografia física, por exemplo, não são feitos.

Ainda assim, é impossível negar o domínio de Ibn Battuta sobre as técnicas de orientação geográfica, bem como a contribuição que seus predecessores tiveram na organização do conhecimento geográfico disponível na época.

BIBLIOGRAFIA

- A GRUTA. **O Alcorão**. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s.d. p. 150-157.
- ALCORÃO. Português. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s.d.
- AHMAD, S. M. **A history of Arabic-Islamic Geography** (9th-16th Century AD). Amman: Al Ahl-Bayt University, 1995.
- ANDREYCHOUK, V; TRAVASSOS, L. E. P.; BARBOSA, E. P. As cavernas como objetos do turismo religioso em diferentes crenças religiosas: alguns exemplos mundiais. **O Carste**, v.22, n.2, p. 48-64, 2010.
- BATTUTA, I. **A través del Islam**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1356/1993. Traduzido por Serafín Fanjul e Frederico Arbós.
- BISSIO, B. A viagem e as suas narrativas no Islã medieval. **Revista Litteris**, v.4, p.1-18, março 2010.
- CHALLITA, M. O que você deve saber para aproveitar plenamente a leitura do Alcorão. In: **O Alcorão**. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s.d. p. XVII-XXX
- DEFRÉMERY, C.; SANGUINETTI, B. R. **Voyages d'Ibn Batoutah**. Paris: Sociéty Asiatic, 1853-1858. 4 vols. (Arabic and French text).
- FANJUL, S.; ARBÓS, F. Introducción. In: BATTUTA, I. **A través del Islam**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1993. p.23-92

- GEOLOGICAL SURVEY. **Jericho – Israel grid**. Israel: Geological Survey, 1972. 1 mapa: color. Escala: 1:50.000.
- HOLT-JENSEN, A. **Geography: history and concepts**. 4.ed. London: SAGE, 2009.
- MINISTRY OF PETROLEUM AND MINERAL RESOURCES. **Geological map of Syria**. Damascus: General Establishment of Surveying, 1986. 1 mapa: color. Escala: 1:1.000.000
- MULAOMEROVIĆ, J. O mundo subterrâneo sagrado da Bósnia. In: TRAVASSOS, L. E. P.; MAGALHÃES, E. D.; BARBOSA, E. P. (Orgs.). **Cavernas, rituais e religião**. Ilhéus: Editus, 2011. p.237-266.
- NACIZANE, A. **A crowd of people entering the Hira cave**, 2008. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hira_ma%C4%9Faras%C4%B1.jpg>. Acesso em 01 maio 2011.
- SAUDI Geological Survey. Zamzam Studies and Research Centre, 2010. Disponível em: <<http://www.sgs.org.sa/English/earth/Pages/Zamzam.aspx>>. Acesso em: 10 mai 2011.
- SERVICE GEOLOGIQUE DU MAROC. **Carte Structurale du Maroc**. Marrakech: Ministre de L'energie et des Mines, 1982. 1 mapa: color. Escala: 1:2.000.000
- STEWART, P. J. Myth and legends, caves in. In: CULVER, D.C.; WHITE, W.B (Ed.). **Encyclopedia of Caves**. USA: ElsevierAcademic Press, 2005. p.406-408.
- THE EGYPTIAN GEOLOGICAL SURVEY. **Geological map of Egypt**. Cairo: The Egyptian Geological Survey and Mining Authority, 1981. 1 mapa: color. Escala: 1:2.000.000.
- THE HOLY QUR'AN. Eletronic electronic version translated by M.H. Shakir and published by Tahrike Tarsile Qur'an, Inc., 1983. Disponível em: <<http://quod.lib.umich.edu/k/kron/>>. Acesso em 03 maio 2011.
- TRAVASSOS, L. E. P. **A importância cultural do carste e das cavernas**. 2010. 372f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- WAINES, D. **The Odyssey of Ibn Battuta: uncommon tales of Medieval Adventurer**. Chicago: the University of Chicago Press, 2010.
- WALTHAM, T. Asia, Southwest. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of Caves and Karst Science**. New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004. p. 238-242.
- WALLEY, C. D. **The Geological Map of Lebanon: a summary**. American University of Beirut. Disponível em: <<http://ddc.aub.edu.lb/projects/geology/geology-of-lebanon/>>. Acesso em 12 maio 2011.